

Querida leitora,

O trecho a seguir é uma cena que foi deletada da revisão final do livro. Minha intenção era que vocês descobrissem os motivos para o Jake ter se casado com a Beatrice junto com a Ellie, ao final da narrativa. Por mais que minha vontade fosse deixar a cena abaixo, ela não servia ao propósito da construção da trama, pois acabaria com o elemento surpresa. Sempre foi o meu desejo que as leitoras tivessem dúvidas quanto ao verdadeiro caráter do Jake e se perguntassem se ele seria capaz de abandonar a Ellie à própria sorte. Alguns diriam: “*cuidado com o que você deseja*”, pois consegui, além disso, transformar um personagem tão querido em alguém frio aos olhos de algumas leitoras.

Espero que esse trechinho redima ainda mais o Jake! Continuo a afirmar que ele é um amorzinho.

Com um prego entre os dentes, Jake ajeitou a comprida ripa de madeira antes de incorporá-la à construção do telhado com o auxílio de um martelo.

Estava a três metros de distância do chão, os pés posicionados no último degrau de uma escada de aparência precária. Apesar dos protestos do empreiteiro e do administrador das terras, fazia uma semana desde que decidira trabalhar nas reformas da propriedade em Gloucestershire. Seus amigos mais trocistas teriam rido às suas custas se pudessem vê-lo naquele momento. Com as mangas da camisa enroladas na altura dos cotovelos — e suor escorrendo por cada poro de seu corpo — Jake seguia à risca as orientações repassadas por um dos arrendatários de seu pai.

Outro cavalheiro em sua posição jamais teria aceitado tal desatino. Subir em escadas e martelar um punhado de pregos não era considerado como um trabalho digno de um nobre. A própria palavra *trabalho* teria causado uma síncope na maioria de seus conhecidos — sua mãe inclusa. Na opinião da sociedade culta e civilizada não havia nada mais vulgar do que se dedicar a algo que não estivesse relacionado a jogos, bebidas e mulheres. Jake fora criado para seguir esses preceitos e para atender as obrigações mais burocráticas que envolviam a administração das terras. Entretanto, o trabalho braçal fora a maneira que encontrara para manter os pensamentos afastados de Ellie.

A atividade extenuante, contudo, não estava se mostrando tão eficaz quanto nos primeiros dias. Enquanto o tímido sol de outono refletia raios incandescentes em uma poça em cima do telhado, seus pensamentos evocaram a imagem de cabelos da cor do fogo esparramados sobre lençóis brancos.

Aplicando mais força do que o necessário, Jake bateu o martelo contra o prego repetidas vezes como se esperasse que o gesto brusco fosse capaz de expurgar sua culpa. Admitia que tivera uma conduta egoísta. Por mais que amasse Ellie — *por Deus, como a amava!* — e por mais que não a tivesse forçado a se entregar a ele, deveria ter sido responsável por mantê-la protegida sob o seu teto, sobretudo pela posição que ocupava na casa. Ademais, não estava certo sobre os riscos de uma possível consequência. Jamais havia tocado em uma virgem antes, um limite moral que não cruzava. Portanto, não fazia a mais mínima ideia se existia a possibilidade de uma mulher vir a conceber em sua primeira experiência com um homem.

Não bastasse a situação miserável de não ser capaz de oferecer o caminho da honra à mulher a quem amava — e ter sido cruelmente rejeitado, com razão, em sua proposta para que se tornassem amantes —, carregaria até o fim de seus dias a responsabilidade de ter tirado a inocência de Ellie.

Como não suportara encarar a si mesmo no espelho na manhã seguinte, Jake partira de Hampshire após o desjejum. A princípio, tivera a intenção de passar alguns dias na companhia da mãe e da irmã. Entretanto, com as reformas em andamento, sua presença em Gloucestershire era necessária. Ter passado uma noite com Ellie em seus braços, sabendo que um futuro entre os dois era improvável, apenas apressara seu retorno.

Desde a sua chegada à propriedade, Jake vinha se torturando com possibilidades um tanto quanto ilusórias. Tentava, desesperadamente, encontrar uma solução favorável ao problema que o afligia. Sendo um herdeiro, era esperado que se casasse com uma dama da sua posição social que tivesse as habilidades necessárias para se tornar uma condessa. Casar-se com Ellie provocaria um escândalo em sua família. Perderia a convivência com seus amigos — o que não dava a mínima —, e seria obrigado a tolerar em silêncio as críticas à sua escolhida. Como conseguiria ignorar tais provocações, somente os céus sabiam! O mero pensamento de alguém proferindo uma única palavra contra Ellie, fazia seu sangue ferver.

Estava certo de que passaria a vida desafiando cada criatura que se atrevesse a mencioná-la em termos pouco honrosos.

Outras implicações surgiriam no caminho. Olivia seria diretamente afetada por suas escolhas no momento em que as dores do luto se abrandassem e voltasse a frequentar o mercado matrimonial, algo que Jake não podia ignorar. Sua mãe... *Bem*, não sabia dizer como a condessa reagiria à perda de prestígio e aos olhares de esguelha que passaria a receber de suas amigas.

Por mais de uma vez, Jake chegara a selar sua montaria em um impulso de retornar a Hampshire e pedir a Ellie que se tornasse sua esposa, mas a que custo? Toda a beleza da alma da mulher a quem amava se resumia a enxergar a bondade que existia no mundo. Quebraria seu espírito ser alvo de comentários cruéis e menções desonrosas.

Como seria capaz de lançá-la aos lobos sem qualquer preparo?

Incapaz de encontrar uma solução, decidiu esperar. Em breve, sua mãe e Olivia deixariam Hampshire e ele teria a oportunidade de reencontrar Ellie.

— É seguro descer, milorde.

Jake ouviu o arrendatário, cujo telhado ele consertava, gritar aos pés da escada. Antes de descer, certificou-se de que a ripa de madeira havia sido encaixada na posição correta.

Com o martelo em uma das mãos, venceu os degraus da escada cambaleante e sentiu-se grato quando colocou os pés no chão.

— Milorde! — o arrendatário exclamou efusivamente, agitando as mãos no ar. Tinha uma estatura mediana, cabelos escuros e olhos estranhamente afastados. — Como podemos agradecer toda a sua generosidade?

— Sua compreensão já é o bastante.

Jake sorriu para enfatizar o que dizia e caminhou até a cerca onde havia pendurado o casaco.

O dia encontrava-se ameno, mas sentia como se tivesse embarcado diretamente para o inferno — o que não teria sido uma surpresa, realmente. Estava certo que, em algum lugar, desvirtuar uma criada inocente era considerado uma transgressão às leis divinas.

Estava prestes a vestir o casaco quando o som de cascos de cavalo, vindo da estrada de terra, chamou sua atenção. Virou-se a tempo de ver um dos criados da casa forçar a montaria a parar o trote próximo ao local onde ele se encontrava. Ao notar a expressão grave no rosto do rapaz, Jake se aproximou.

— Milorde. — O criado inclinou a cabeça em sinal de respeito. — Com a Graça Divina o encontrei!

— Aconteceu algo em minha ausência?

— Receio que Sua Senhoria não esteja se sentindo bem — o criado respondeu em um tom de voz baixo para evitar que fossem ouvidos. — Foi encontrado desacordado no escritório. Conseguimos fazer com que recobrasse a consciência, mas tem reclamado de dores no peito.

Jake praguejou em voz alta enquanto vestia o casaco.

— O médico foi chamado? — Caminhou a passos largos até a própria montaria e ergueu-se na cela com um movimento ágil e preciso.

— Sim, milorde. Acredito que já esteja na propriedade.

Jake se preparou para colocar o cavalo em marcha, no entanto, foi distraído por uma pergunta do criado.

— Devo ir a Hampshire avisar Lady Berwick?

Apesar de não concordar com a decisão do pai em esconder sua condição de saúde da condessa e de Olivia, Jake não tinha alternativa a não ser respeitá-la.

— Não — respondeu no mesmo instante em que apertou as coxas e instigou o cavalo a seguir em frente.

Enquanto impunha um trote insano à montaria, sentiu um arrepio funesto atravessar sua espinha ao imaginar que o pai poderia ter partido deste mundo sem que houvesse qualquer aviso ou despedida. Por todo o angustiante caminho até a casa, seus pensamentos insistiram em se inclinar ao mórbido desespero, ainda que estivesse lutando para manter a racionalidade e a esperança intactas.

Ao desmontar em frente a imponente mansão, Jake entregou o cavalo aos cuidados de Peter. O mordomo-assistente o recebeu com um olhar sério e informou que o médico do vilarejo estava na companhia do conde em seu aposento.

Com um rápido agradecimento, Jake se apressou ao encontro do pai. Subiu a escadaria pulando os degraus de dois em dois, o coração pulsando a um ritmo descompassado.

Quando alcançou o corredor, a voz nasalada de Sullyard chegou aos seus ouvidos. Parecia que o médico estava tentando convencer o conde a seguir seus conselhos. Um resmungo ranzinza se seguiu fazendo com que as feições preocupadas de Jake fossem substituídas pelo alívio. Se seu pai encontrava energia para protestar contra as ordens médicas, certamente seu estado não era tão preocupante quanto imaginara. A doença do coração acabaria por levá-lo um dia, mas não naquele momento.

Sem anunciar sua presença, Jake recostou o corpo no batente da porta com os braços cruzados na altura do peito. Enquanto tentava controlar a respiração cansada e ofegante, prestou atenção a conversa entre os dois homens. Em um dos cantos do aposento, Voss, o *vale*t do conde, notou sua aparição repentina, mas guardou silêncio.

— Necessita de descanso e de noites de sono apropriadas — dizia o Dr. Sullyard com ares de tutor. Era um homem com uma idade que mais se aproximava dos quarenta do que dos trinta. Mantinha um antiquado bigode, de aparência desgrehada, em um rosto angular e de feições marcantes.

— Não há descanso para o trabalho — Joseph Chadwick retrucou com a expressão carrancuda. Tentava manter um porte autoritário ainda que tivesse sido colocado na cama com as costas recostadas em travesseiros macios, bordados com renda francesa.

Jake teve a estranha impressão de que o pai havia envelhecido em sua ausência, o que era um pensamento absurdo visto que não havia se ausentado da casa por muito tempo. Entretanto, o olhar do conde parecia mais profundo e apático. E seu rosto exibia uma palidez pouco natural. A expressão abatida do velho o preocupou. Talvez devesse reconsiderar a decisão de esconder a verdade de sua mãe e de Olivia.

— Talvez seu filho possa convencê-lo?

A voz do médico o distraiu de seus pensamentos. Após uma rápida troca de olhares entre os dois, Jake olhou na direção do pai. Os olhos castanhos, que em muito se assemelhavam aos de Olivia, o encararam de volta.

— Não o esperava tão cedo, Hunnigan — o conde declarou, aprumando a postura em uma tentativa de parecer mais forte do que se sentia. — Vejo que esteve outra vez em cima de telhados.

— Sim. — Jake entrou no aposento com um olhar arguto. Sabia que o pai não fazia caso de suas escolhas, nada convencionais, de empregar o tempo. — Mas aviso que não sou facilmente distraído. Ouvi o que Sully disse.

— Bobagem! Uma grande bobagem! Há quarenta anos cuido dessas terras, não serei convencido a abandoná-las!

— Discutiremos a questão em outro momento. Do contrário, mataríamos o bom médico de tédio e teríamos de suportar olhares acusatórios em nossas visitas ao vilarejo. — Virando-se para Sully, Jake acrescentou: — Eu o acompanharei até a saída.

— Para que conversem a meu respeito sem que eu possa ouvi-los! — esbravejou Joseph, mal-humorado.

Sullyard recolheu seus pertences e se despediu com um olhar sério.

— Espero que leve em consideração os meus conselhos, milorde.

Enquanto seu pai ditava uma ordem imperiosa a Voss, Jake acompanhou Sullyard até o corredor.

— O quão grave é a situação? — perguntou ao descerem a escadaria.

— O coração de seu pai não bate a um ritmo saudável — esclareceu Sully. — Entretanto, há relatos de casos em que uma pessoa nas mesmas condições viveu o suficiente para enterrar os próprios filhos. É impossível prevermos com exatidão.

— Há algo que possamos fazer para ajudá-lo?

— Se tirar de suas mãos a maior parte das responsabilidades, acredito que beneficiará sua saúde.

Jake concordou em silêncio ao chegarem ao saguão de entrada. Já havia assumido a maior parte das obrigações da propriedade desde o seu retorno da Índia, mas acreditava que essa não era a única preocupação que atormentava os pensamentos do pai. Restava descobrir o que mais havia.

Após se despedir cordialmente de Sully, Jake solicitou a Peter que encontrasse Holland para que um banho fosse preparado em seus aposentos. Enquanto retornava ao primeiro andar, pensou em maneiras de convencer o pai a deixá-lo no comando de toda a gestão da propriedade. Teria que ser criativo na abordagem, do contrário, dificilmente o velho aceitaria suas sugestões.

Estava prestes a alcançar o topo da escada quando o chamado hesitante do administrador das terras fez com que desse meia-volta.

— Poderíamos ter uma palavra, milorde?

Como necessitava desesperadamente de um banho, o primeiro pensamento de Jake foi propor que se encontrassem em um horário mais apropriado. Entretanto, algo na postura de Curtis o alertou para a gravidade do assunto que pretendia abordar. Com um gesto cansado, indicou o caminho até o escritório.

William Curtis era um homem na casa dos sessenta. Olhos castanhos ligeiramente saltados, um queixo proeminente e um nariz aquilino. Sua fala arrastada era outra de suas marcantes características para completo desespero de seus interlocutores.

— O que tem a dizer? — Jake recostou o corpo na mesa de trabalho do pai com as mãos espalmadas na superfície de madeira.

— Trata-se de um assunto delicado, milorde — começou o administrador, desviando os olhos para os próprios pés. — Reconheço que é um atrevimento da minha parte abordá-lo, sobretudo quando dei minha palavra de que não o faria. Entretanto, diante das atuais circunstâncias, sinto-me na obrigação de compartilhar meu conhecimento. Não há outra maneira de comunicar o assunto, portanto, irei direto ao ponto.

Curtis o encarou como se lamentasse profundamente suas próximas palavras.

— As finanças da propriedade não são satisfatórias, milorde.

Jake desencostou da mesa, o cenho franzido.

— Não faz um mês que analisamos os livros contábeis e as contas pareciam em ordem.

O administrador tirou um lenço do bolso e enxugou o suor impregnado na testa.

— Esteve analisando os livros *errados*, milorde.

— Livros errados? — Jake repetiu com a sensação de que estava prestes a receber outra notícia ruim. — O que pretende implicar exatamente?

— A pedido de Sua Senhoria, entreguei em suas mãos uma versão... *floreada* das contas da propriedade.

— Uma versão floreada?

— Sim, milorde — Curtis confirmou com um aceno nervoso.

— E diz que meu pai está ciente?

— De cada detalhe, milorde.

— Quão floreada é essa versão?

O administrador evitou seu olhar.

— Não tenho certeza, milorde. Foi Sua Senhoria quem... hum... — Curtis pigarreou — *...trocou os números.*

— Está dizendo que meu pai adulterou as finanças deliberadamente? Que motivos ele teria para agir com tamanha insensatez?

Curtis coçou a cabeça.

— Sua Senhoria expressou o desejo de que a família não soubesse a verdade.

Jake teve de admitir que o argumento era válido. Soava como algo que seu pai teria dito.

— E qual é a verdade?

— Não há capital para continuarmos as reformas na propriedade. E com o empréstimo bancário, acrescido de juros, receio que...

— Espere um momento — Jake levantou uma mão, silenciando o outro. — Empréstimo bancário?

Curtis pareceu envergonhado ao concordar. Pretendia continuar a interrogá-lo a respeito, mas foram interrompidos pela aparição repentina de seu pai.

— O que faz aqui? — Jake perguntou um tanto quanto bruscamente. — Deveria estar deitado na cama desfrutando de chá insípido enquanto se convalesce.

— Deixe-nos a sós, Curtis — Joseph ordenou ao administrador, que lhe murmurou um constrangido pedido de desculpas antes de deixar o escritório. Um clique suave foi ouvido quando a porta foi fechada às suas costas.

— Por mais que eu esteja malditamente surpreso com toda essa história, não irei discutir sobre as finanças da propriedade até que esteja se sentindo melhor — Jake anunciou, lembrando das recomendações de Sully.

— Tolice! — o conde refutou suas palavras com um gesto exagerado das mãos e sentou-se atrás da mesa. — Sente-se, meu filho.

Com um olhar contrariado, Jake atendeu ao pedido e se sentou em uma das duas poltronas dispostas diante da mesa.

O silêncio pairou sobre o aposento enquanto pai e filho se encaravam. Em algum lugar da casa, um relógio soou as quatro horas da tarde.

— O que Curtis disse é verdade? — Jake inquiriu ao notar que a intenção do pai era que ele conduzisse o assunto.

— Receio que assim seja, rapaz.

Jake apoiou os braços sobre os apoios da poltrona e suspirou.

— Qual a explicação? — perguntou apenas.

O conde meneou a cabeça, as feições em completo desalento.

— Desde sua última viagem à Índia, nossos ganhos têm sido aquém do esperado. Tivemos sucessivos invernos rigorosos que acabaram por prejudicar nossas colheitas. Enquanto eu pensava em uma maneira de reverter a situação, fui convencido por Buxton a investir em uma companhia marítima. — Joseph ergueu a mão quando percebeu que o filho pretendia se manifestar. — Sei o que irá dizer, mas os papéis eram promissores e obtivemos bons resultados nos primeiros meses. Entretanto, um dos navios desapareceu com uma carga valiosa enquanto atravessava o Atlântico. O banco responsável pelo seguro apresentou perante o tribunal duas testemunhas que nos acusaram de fraude e sabotagem.

Jake praguejou em voz alta.

— Como é possível que eu não tenha tomado ciência do assunto?

— Felizmente, o caso se restringiu aos envolvidos e a companhia foi representada no tribunal através de procuradores. Quando chegamos a um acordo sobre o pagamento das dívidas, colocamos o restante da frota à venda antes de declararmos falência. O dano parecia contido, mas descobrimos que um dos funcionários fez promessas inexistentes de transportes à América antes de fugir com a mercadoria dos clientes. Suspeitamos que ele esteja envolvido no desaparecimento do navio, mas não conseguimos localizá-lo depois que a história veio à tona.

— Os investidores e sócios tiveram que arcar com os prejuízos — Jake concluiu, esfregando o queixo onde a barba começava a despontar. — Curtis mencionou um empréstimo.

Joseph confirmou com um aceno.

— Fui obrigado a assumir um compromisso bancário depois de ter usado o dote de Olivia para cobrir as despesas da propriedade. E com os estragos causados pela inundação receio que...

— O dote de Olivia? — Jake o interrompeu, sentindo a incredulidade alcançá-lo. Para que seu pai tivesse chegado a esse extremo, a situação era pior do que havia imaginado.

— Não me orgulho do que fiz — o conde o encarou com um olhar entristecido —, mas era o único montante que tínhamos a disposição.

Com um suspiro resignado, Jake recostou-se contra a poltrona. Encarou o pai, tentando manter a calma e a racionalidade.

— Para esclarecermos. Não temos previsão de ganhos futuros para cobrir as despesas, correto?

O conde anuiu.

— E temos que pagar pelas reformas geradas pela inundação se quisermos garantir uma renda mínima.

— Infelizmente, sim.

— E há um empréstimo bancário que precisa ser quitado. De qual valor estamos falando? Seu pai ajeitou um maço de papéis sobre a mesa, evitando encará-lo.

— Com os juros, imagino que tenha chegado a quinze mil libras — declarou em um tom de voz baixo e envergonhado.

— E o dote de Olivia? Restou algo? — Jake tentou manter o tom de voz livre de sentimentalismos enquanto tentava conter o impulso de se levantar e socar algo. Entretanto, de nada adiantaria demonstrar seu nervosismo diante da bancarrota em que a família se encontrava.

O conde meneou a cabeça, ainda sem a coragem necessária para encará-lo.

— Há a opção de colocarmos a propriedade de Hampshire à venda — comentou. — Entretanto, é a única garantia de estabilidade que restaria a sua mãe e Olivia. Poderíamos refazer o empréstimo, mas receio que teríamos de lidar com as consequências das especulações sobre nossas as finanças. Não preciso apontar o quanto sua mãe é orgulhosa. Eleanor se sentiria humilhada além da razão caso viesse a público nosso acúmulo de dívidas e credores.

Jake foi obrigado a concordar. O ostracismo seria como a morte em vida para alguém como sua mãe — que encarava as obrigações e a posição que ocupava na Sociedade com rigorosa seriedade. Refletiu que ao menos Olivia não aceitaria outro pedido de casamento tão cedo por conta da morte de Bendington. Teriam tempo para assegurar que seu dote fosse restabelecido, mas havia urgência em restaurar as finanças antes que a situação precária em que se encontravam se tornasse pública.

Com movimentos lentos e a expressão resignada, seu pai se levantou da cadeira e caminhou na sua direção. Em um gesto que pretendia ser reconfortador, pousou a mão em seu ombro e ecoou seus pensamentos.

— Sabe o que está em risco e o que é necessário ser feito.

Sim, sabia.

*Maldição!* Ele sabia!

Antes que pudesse dizer algo, seu pai acrescentou:

— Lady Bonher e a Srta. Marston mais nova prestaram uma visita hoje à tarde. Beatrice é uma boa moça.

Jake deixou escapar um muxoxo de desdém.

— Se por boa moça estivermos nos referindo as suas habilidades sociais em convencer as pessoas de sua bondade.

— O que disse? — seu pai indagou, confuso.

— Esqueça.

Jake passou as mãos pelo rosto.

Necessitava urgentemente de um banho e de uma garrafa de whisky — não necessariamente nessa ordem.

— Nossas propriedades são vizinhas e rentáveis — continuou Joseph em sua campanha para que o filho considerasse tentador um arranjo com a família Marston. — Bonher deixou a disposição da filha um dote mais do que suficiente para quitar o empréstimo e pagar os credores.

Em silêncio, Jake contemplou um possível futuro com Beatrice.

É verdade que a conhecia desde... *bem*, desde sempre. Também era verdade que se tratava de uma dama refinada e atraente que atraía os olhares masculinos como moscas em direção ao mel. Que tivesse um generoso dote à sua disposição, acrescentava uma indiscutível vantagem as considerações de torná-la sua viscondessa.

Certo era que teria de se casar em algum momento da vida. Qualquer dama serviria ao propósito de ser a mãe de seus filhos para que pudesse assegurar o título e a propriedade — exceto a mulher a quem seu coração desejava com um desespero enlouquecedor. Dias haviam se passado desde que tivera Ellie em seus braços e jurava — *por Deus, jurava!* — que ainda conseguia sentir seu cheiro inebriante e o calor de sua pele macia.

Com a sensação de que a sua liberdade estava prestes a ser restrita, Jake ergueu a cabeça e olhou diretamente nos olhos do conde antes de indagar:



— Se eu pedisse Beatrice em casamento, tranquilizaria suas preocupações quanto ao futuro?

A expressão de alívio no rosto do pai foi a resposta que Jake precisava para tomar uma decisão.